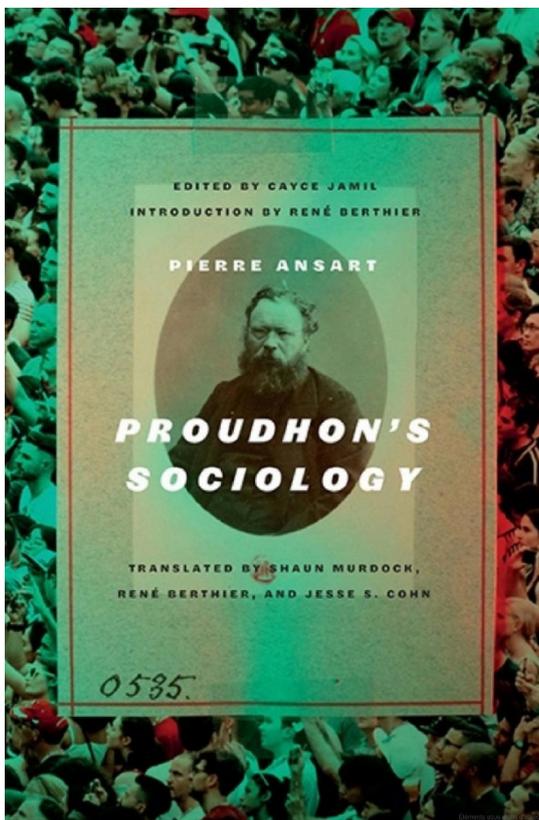


Sociologia de Proudhon

de Pierre Ansart

traduzido em inglês

Há alguns anos eu traduzi para o inglês dois capítulos do livro Sociologie de Proudhon, de Pierre Ansart, para o site monde-nouveau.net. O livro havia sido publicado na França em 1967 e contribuiu muito para minha formação teórica. Minha intenção era traduzir os outros capítulos, mas no decorrer de várias trocas de contatos que tive com acadêmicos nos Estados Unidos, surgiu a ideia de publicar o livro naquele país, o que foi feito no curso de 2023, sob a direção de Cayce Jamil. O livro, portanto, contém os dois capítulos que traduzi e os outros capítulos traduzidos por Shaun Murdoch e Jesse Cohn. Pediram-me para escrever uma introdução, que é o texto apresentado aqui.



Sociologie de Proudhon é publicado pela AK Press.— R.B.

Introdução

Quando eu disse a Edward Castleton que pretendia traduzir alguns capítulos da *Sociologie de Proudhon*, de Pierre Ansart, ele me perguntou: por que não traduzir o próprio Proudhon? Basicamente, ele tinha razão, mas estava raciocinando como um acadêmico. Castleton é um pesquisador americano e professor de filosofia e história na Universidade de Franche-Comté, em Besançon, cidade natal de Proudhon. Ele é um dos maiores especialistas no autor de *O que é propriedade?* e é o atual presidente da Société Pierre-Joseph Proudhon. Sua observação, no entanto, ignorou um fato: Proudhon, mais do que qualquer outra pessoa, precisa que seu pensamento seja sintetizado para que seja acessível aos leitores que não

podem dedicar vinte anos à leitura de suas obras completas. Isso é ainda mais verdadeiro porque ele costuma ser difícil de ler, mesmo para um leitor francês.

É aqui que Pierre Ansart entra em cena. *Sociologie de Proudhon* é a ferramenta perfeita para conduzir o leitor pelos arcanos do pensamento de um autor que passei a considerar como um dos maiores pensadores do século XIX.

A análise crítica da imensa obra de Proudhon não é uma tarefa fácil. Em *Sociologie de Proudhon*, Ansart felizmente evitou tentativas de explicar a obra de Proudhon. Ele conseguiu destacar os pontos essenciais do pensamento proudhoniano sem perder suas contradições. Nenhuma das obras de Proudhon pode ser considerada sociológica no sentido estrito da palavra. Essa não era sua intenção, e certamente não era a intenção de Ansart “provar” que Proudhon era um sociólogo no sentido que entendemos hoje. No entanto, ele faz um bom relato do desejo de Proudhon de buscar um conhecimento objetivo da sociedade. *O Sistema de Contradições Econômicas* (1846) de Proudhon é uma investigação dos mecanismos da sociedade capitalista que antecede o *Capital* em vinte anos, tanto em termos dos conceitos empregados quanto do método de exposição.¹

Sociologie de Proudhon, publicado em 1967, foi originalmente planejado para estudantes. A ambição do autor era tornar o pensamento social de Proudhon conhecido, mas provavelmente também remover todos os excessos para revelar o pensamento subjacente. Podemos dizer que o que mais distingue Marx de Proudhon é que o primeiro encontrou rapidamente a estrutura em torno da qual construiu seu pensamento, enquanto o segundo estava em um estado permanente de pesquisa, o que dá um caráter aparentemente contraditório ao seu trabalho. O pensamento de Proudhon está em constante movimento porque cada um de seus livros é o resultado de circunstâncias. Para que ele apareça em sua unidade, Ansart fez uma síntese que restaura sua estrutura essencial, torna-o inteligível e revela até que ponto as preocupações sociológicas podem ser encontradas no pensamento proudhoniano, seja explícita ou implicitamente.

Naturalmente, quando se fala em Proudhon, também se pensa em Marx. O mérito da *Sociologie de Proudhon* é que o livro aborda o conflito entre os dois homens por meio das fontes comuns das quais eles se inspiraram. Essa abordagem é muitas vezes obscurecida por autores marxistas que não querem reconhecer o pensamento de Proudhon como tendo qualquer valor normativo.

Significativamente, um ano antes de *Sociologie de Proudhon*, Henri Lefebvre, um marxista “heterodoxo”, publicou *Sociologie de Marx* como parte da mesma série. Em minha opinião, o livro de Lefebvre é um complemento indispensável ao de Ansart. Ambos os livros, que se tornaram acessíveis aos estudantes franceses na época das greves de maio-junho de 1968, tiveram um impacto real na formação teórica dessa geração.²

A tarefa empreendida por Ansart de revelar as fontes comuns do pensamento de Proudhon e Marx foi retomada dois anos depois com a

¹ Consulte René Berthier, “Proudhon and the Problem of Method”, *Monde Nouveau*, 9 de junho de 2012, <http://monde-nouveau.net/spip.php?article407>.

² Henri Lefebvre (1901-91) foi um filósofo e sociólogo marxista francês mais conhecido por ser pioneiro na crítica da vida cotidiana, por introduzir os conceitos de direito à cidade e produção do espaço social, e por seu trabalho sobre dialética, alienação e crítica ao stalinismo, existencialismo e estruturalismo.

publicação de sua tese de doutorado, *Marx et l'anarchisme: essai sur les sociologies de Saint-Simon, Proudhon et Marx* (Marx e o anarquismo: ensaio sobre as sociologias de Saint-Simon, Proudhon e Marx).

Por que “Marx e o anarquismo” quando Saint-Simon e Proudhon ocupam a mesma posição?

Pierre Ansart tenta encontrar as fontes da teoria de Marx sobre o Estado comparando seus escritos com os de Proudhon e Saint-Simon. Ao fazer isso, ele mostra o quanto os pensamentos de Proudhon e Marx são devedores de Saint-Simon e o quanto o pensamento econômico de Proudhon influenciou Marx. É por isso que *Sociologie de Proudhon* constitui uma introdução necessária à leitura de *Marx et l'anarchisme*.

Assim como Proudhon, Marx fez uma crítica sistemática ao socialismo utópico e à economia política: eles atacaram os mesmos oponentes. Assim, Pierre Ansart questiona se “o vigor das críticas de Marx a Proudhon” não se deve, em parte, “à similaridade de suas preocupações, ao fato de pertencerem ao mesmo meio intelectual, no qual as diferenças eram ainda mais perceptíveis por serem pequenas”. Sobre esse ponto, não compartilho da opinião de Ansart. Proudhon e Marx, sem dúvida, tinham preocupações semelhantes, mas não há nada que diga que eles pertenciam ao mesmo meio intelectual.

Os intelectuais alemães exilados em Paris tentaram desesperadamente conquistar Proudhon para eles. Karl Marx e Karl Grün competiam entre si pelas boas graças dele e para convertê-lo ao hegelianismo.

Foi dito que o conhecimento de Proudhon sobre os filósofos alemães era superficial, que ele não realizou um estudo metódico de nenhum desses pensadores, buscando a confirmação de seus próprios pontos de vista no trabalho deles, em vez de um aprofundamento de seu pensamento. Marx é, sem dúvida, o grande responsável por essa imagem de Proudhon, mas seu próprio conhecimento de Hegel merece ser seriamente reexaminado. Embora o conhecimento de Proudhon sobre esses pensadores fosse limitado pela falta de traduções disponíveis em sua época, sua compreensão deles era notável. A maioria dos críticos do pensador de Besançon provavelmente não chegou a ler o capítulo II do volume 2 do *Sistema de Contradições Econômicas*, que contém uma síntese de tirar o fôlego do pensamento de Kant, Fichte, Schelling e Hegel.

O francês e os dois intelectuais alemães não tinham uma relação de igualdade. Naquela época, Proudhon já era famoso, e Marx pelo menos o reconhecia como um mestre. No entanto, esse estado de graça não durou muito, pois assim que o *Sistema de Contradições Econômicas* foi publicado em 1846, o relacionamento entre eles se deteriorou.

Proudhon veio do povo, enquanto Marx e Grün eram acadêmicos. Proudhon nunca se deixou enganar pela bajulação dos dois homens.

O socialismo de Proudhon é tão oposto ao marxismo? Não há dúvida de que ambos tentaram o mesmo projeto: criar uma ciência das contradições do capitalismo, para mostrar a necessidade histórica de seu colapso. Mas dizer que seu projeto de sociedade era o mesmo seria, em minha opinião, um erro profundo.

* * *

Proudhon é um autor complexo até mesmo para um leitor francês. É claro que, de um ponto de vista estritamente acadêmico, é obviamente preferível ter

uma leitura de primeira mão de sua obra. Mas a dificuldade de ler Proudhon não está apenas em sua linguagem e em sua maneira de ler, mas também no fato de que seu pensamento parece contraditório. Esse caráter contraditório resulta do fato de que ele está em constante evolução. Aqui está um homem que, no início de sua carreira, diz que propriedade é roubo e, no final de sua carreira, ele nos diz que propriedade é liberdade, afirmando que não mudou de opinião. O intervalo de vinte e três anos entre essas duas proposições foi dedicado à tentativa de resolver o mistério dessa contradição.

Na realidade, não é a propriedade em si que é um roubo. Como legítimo e único proprietário de minha escova de dentes, não me vejo como um ladrão. O que Proudhon chama de roubo é a apropriação pelo capitalista do valor produzido pelo trabalho combinado e coletivo de um grupo de trabalhadores, que é muito maior do que o valor que seria produzido pelo mesmo número de trabalhadores individualmente. É aí que reside o roubo, porque o capitalista não paga essa mais-valia a seus empregados e, em vez disso, apropria-se dessa aubaina, dessa renda não obtida.

Na realidade, o homem que disse que a propriedade era roubo (uma expressão inusitada e provocativa que ainda hoje é mal compreendida) considerava a questão da propriedade secundária.

Na verdade, Proudhon acha que a propriedade individual perdeu sua importância como instituição e que a sociedade agora opera somente com base na circulação: “A sociedade não vive mais, como outrora, da propriedade individual; ela vive de um fato mais genérico, vive da circulação”. Isso pode ser visto perfeitamente: sabemos que a crise de 1929 tomou um rumo catastrófico porque o comércio internacional praticamente cessou.

Poucos leitores parecem ter percebido que, ao longo de sua vida, e apesar das diferentes abordagens que ele adotaria para o problema, Proudhon tentou mostrar (ao mesmo tempo em que parecia defendê-lo) que a propriedade é uma exceção histórica, uma forma transitória, que existiu apenas por curtos períodos da história e que sua função histórica logo será concluída.

Em uma de suas últimas obras, *Teoria da propriedade*, ele explica que o fabricante não se importa em ser “o proprietário da casa ou apartamento em que vive com sua família, da oficina em que trabalha, do depósito em que guarda suas matérias-primas, da loja em que exhibe seus produtos, do terreno em que sua residência, oficina, depósito e loja foram construídos”. O que lhe interessa é a apropriação do valor agregado.

O próprio Proudhon reclamava que não era compreendido. É verdade que a maneira como ele apresentava seus pensamentos não simplificava as coisas.

Muitas vezes, levado por sua verve argumentativa, ele se esquecia de “ater-se aos fatos”, perdia-se em longas digressões e negligenciava a percepção de que o leitor não precisava saber tudo sobre a cadeia de ideias que o levou à sua prova. Quando quer desafiar um ponto de vista, Proudhon geralmente gasta muitas páginas desenvolvendo o argumento da pessoa a quem está se opondo, levando o ponto de vista dessa pessoa aos seus limites extremos. O leitor pouco atento pode acabar acreditando que isso é o que Proudhon realmente pensa!

Além disso, ele frequentemente recorre à *reductio ad absurdum*, um procedimento no qual ele é mestre, útil para mostrar a inaniidade de uma linha de raciocínio à qual ele se opõe, mas que não ajuda a esclarecer a exposição de suas próprias teorias. Entretanto, a maior dificuldade que o leitor de hoje deve enfrentar é, sem dúvida, a do vocabulário. Quando ele pede uma propriedade

“liberal, federal, descentralizadora, republicana, igualitária, progressista e justa”, a palavra liberal não deve ser mal interpretada. “Liberal” deve ser entendido no sentido original da palavra, como foi preservado pela língua inglesa. Quando ele fala de socialismo, trata-se de um movimento imbuído de “uma certa religiosidade completamente iliberal”; quando ele fala de comunismo, não se trata absolutamente de marxismo; quando ele fala de “economia política”, esse termo deve ser entendido na linguagem da época, como a teoria econômica da burguesia. Para ler Proudhon, portanto, é preciso fazer um esforço para entrar em seu modo de pensar.

Para complicar a situação, Proudhon era um polemista fervoroso e se envolveu em muitos debates com pessoas que hoje estão totalmente esquecidas e sobre questões que não são mais de interesse. Portanto, resta ao leitor a opção de ler essas páginas entediadas ou pulá-las sem saber se, afinal, há algo interessante a ser encontrado.

No final de sua vida, Proudhon declarou duas vezes que não havia mudado sua opinião sobre a essência da questão da propriedade ou da análise crítica do capitalismo. Assim, ele diz em sua *Teoria da Propriedade* (1863): “Por acaso, a teoria da propriedade que estou publicando agora será considerada uma retratação? Veremos que não é nada disso”. Ele continua a dizer que propriedade e roubo são “dois equivalentes econômicos”. Quanto ao *Sistema de Contradições Econômicas* (publicado em 1846), uma obra que se opõe ao *Capital* em muitos aspectos, Proudhon declarou em 1863 que tinha reservas quanto ao método utilizado. “[Mas] como essa reserva foi feita no interesse da lógica pura, mantenho tudo o que disse em minhas *Contradições*.”

Assim, Proudhon mantém a essência de sua crítica à propriedade e a essência de sua crítica ao sistema capitalista. Não há razão para não segui-lo nesses pontos, assim como quando ele declarou no final de sua vida: “Se algum dia eu me encontrar como proprietário de terras, terei certeza de que Deus e os homens, especialmente os pobres, me perdoem!” Proudhon não gostava da propriedade, mas a defendia. Ele criticava violentamente a concorrência, mas defendia seu princípio. Por quê?

Para responder a essas perguntas, talvez seja necessário reconhecer que Proudhon tinha uma visão estratégica de longo prazo. Sob essa perspectiva, não se deve levar em conta as posições contraditórias que Proudhon assumiu em diferentes períodos de sua vida e concluir que ele simplesmente mudou de ideia. Em vez disso, é preciso entender como essas diferentes abordagens estão dialeticamente ligadas.

Com relação à concorrência, Proudhon faz no *Sistema de Contradições Econômicas* uma descrição impressionante dos efeitos da concorrência na sociedade e da extrema miséria que ela causa entre as pessoas. Portanto, ele sabe muito bem o que está em jogo. Sua defesa relativa da concorrência é o efeito de sua oposição radical ao comunismo. Mas não se trata do comunismo de Marx, que ele desconhecia, e sim do que era conhecido na época: o comunismo francês doutrinário e utópico. Nos anos de 1830 a 1840, os principais temas do que se tornaria o movimento anarquista surgiram como uma reação às teorias comunistas que defendiam a preeminência absoluta da comunidade sobre o indivíduo. Saint-Simon, Fourier e Cabet estão entre os principais ideólogos do socialismo utópico que os precursores do anarquismo começaram a atacar, contrapondo-se à ideia de que o indivíduo e a sociedade se desenvolvem em uníssono.

Naquela época, o comunismo era uma corrente cheia de boas intenções e religiosidade, que contava com o Estado para implementar medidas que supostamente melhorariam a situação das classes trabalhadoras. *O Sistema de Contradições Econômicas* de Proudhon contém análises altamente críticas desse comunismo utópico, uma tendência que ainda não havia rompido com as práticas do antigo regime em relação à gestão da pobreza e dos pobres, que consistia em confiná-los em recintos altamente supervisionados. As Oficinas Nacionais de 1848, às quais Proudhon se opôs vigorosamente, foram uma lembrança desse período. A defesa da “comunidade” pelos comunistas apareceu aos primeiros “anarquistas” como a aplicação aos pobres de um sistema de campos de concentração.

O reconhecimento de Proudhon de uma certa forma de competição na sociedade tem sua origem aí, mas também é motivado pela observação sociológica de que é impossível eliminar toda a contradição na sociedade, que tal objetivo seria a morte da sociedade e que um certo espírito competitivo deve ser mantido nas relações humanas. Aqui, mais uma vez, Proudhon se mostra um verdadeiro dialético. [Nota: talvez devêssemos falar de emulação que, ao contrário da concorrência, não implica em jogo de poder ou ganhos materiais.]

Com relação à propriedade, Proudhon novamente tem uma abordagem sociológica, não doutrinária. Ao contrário de Marx, ele entendeu que não apenas o campesinato, mas também o proletariado, estavam apegados à noção de propriedade. O sentimento de apego feroz das pessoas à propriedade se deve principalmente ao medo do desconhecido, ao medo da precariedade da existência e ao desejo individual de garantir uma vida decente para si e para sua família.

Qualquer que seja a maneira como se veja a questão da propriedade em Proudhon – “roubo” ou “liberdade” –, ele parte do fato de que há uma grande camada social média que é apegada à propriedade e não está disposta a abandonar essa ideia facilmente. A propriedade é uma instituição que é um sintoma da fraqueza humana. É um sentimento irracional que não pode ser ignorado se quisermos mudar a sociedade.

Em particular, Proudhon entendeu que não se pode ter uma revolução social sem o campesinato, pois ele representa a maioria esmagadora da população. “A propriedade da terra na França diz respeito a dois terços dos habitantes”, escreveu ele em *Ideia geral da revolução no século XIX*. O problema de Proudhon parece ser encontrar maneiras de atrair o campesinato para reformas progressivas do status da propriedade sem colidir frontalmente com ele. Essa é, sem dúvida, a chave para suas teorias sobre propriedade e o fio que liga suas primeiras posições (por exemplo, propriedade é roubo) àquelas que ele desenvolveria no final de sua vida (por exemplo, propriedade é liberdade)

Na *Teoria da Propriedade*, a mesma obra em que ele parece reabilitar a propriedade, Proudhon especifica que se trata de uma questão de “propriedade transformada, humanizada, purificada do direito de aubaina”.

É difícil imaginar um empresário capitalista aderindo a um sistema no qual ele não teria a possibilidade de explorar a força de trabalho de outros. Seja qual for a complexidade da abordagem proudhoniana e as contorções dialéticas a que ele recorre, isso deve ser mantido em mente. Em *Capacidade Política das Classes Trabalhadoras*, sua última obra, ele escreve que, apesar

das restrições que conseguiu impor à propriedade, fora das quais “ela permanece usurpatória e odiosa”, ela ainda “retém algo de egoísta” (ao que ele acrescenta: “que é sempre antipático para mim”). Essa reflexão é importante porque foi feita no final de sua vida em um texto que foi publicado após sua morte e, portanto, revela seu ponto de vista em um momento em que, em princípio, ele havia concluído seus pensamentos finais sobre o assunto.

Para aqueles de nós que eram estudantes em 1968 e nos anos seguintes, Ansart conseguiu revelar o pensamento de Proudhon em um ponto muito importante e que teve um impacto importante na prática: a teoria do conhecimento.

É necessário entender o contexto. Em quase todas as esferas intelectuais da sociedade, o marxismo dominava naquela época, principalmente o leninismo, que era uma distorção do marxismo conforme interpretado pelos seguidores de Lênin e Trotsky – uma reinterpretação que provavelmente teria horrorizado o próprio Marx. Os jovens trotskistas e maoístas que saíram das universidades para a classe trabalhadora estavam convencidos de que a teoria revolucionária só poderia chegar aos trabalhadores por meio dos intelectuais burgueses. Essa tese era constantemente repetida, como se aqueles que a proferiam quisessem se convencer de sua veracidade.

Ao nos dar acesso ao pensamento de Proudhon sobre essa e outras questões, Ansart nos incentivou a olhar para a fonte direta, o próprio Proudhon. Ele nos revelou um pensamento mais complexo, mais sutil e mais convincente do que as divagações caricaturais que Lênin realmente copiou palavra por palavra de Kautsky.

Mas, peculiarmente, Ansart nos permitiu perceber o quanto Proudhon estava próximo de Marx na teoria do conhecimento, o *verdadeiro* Marx, não o Marx de seus autoproclamados intérpretes. Marx provavelmente teria dito de Lênin o que disse de seu genro Paul Lafargue, que havia escrito um livro particularmente enfadonho³ no qual pretendia explicar o pensamento econômico de Marx: – “Se isso é marxismo, eu não sou marxista”.

Ansart explica que, de acordo com Proudhon, a tarefa do teórico revolucionário é “participar do ato revolucionário por meio de um trabalho de esclarecimento teórico”:

“Em *A capacidade política das classes trabalhadoras*, ele expressa dialeticamente a relação da prática da classe trabalhadora com a ideia revolucionária, enfatizando que a prática implica uma teoria, uma lei de ação, da qual a classe trabalhadora se torna consciente por meio do esclarecimento teórico. Para a classe trabalhadora, não é uma questão de esperar que uma verdade chegue a ela pela boca do teórico, mas de extrair de si mesma seu significado oculto e impô-lo por meio da luta política. Portanto, o papel dos teóricos não deve ser superestimado: seu trabalho apenas participa de um movimento que vai além deles.”

Se a prática é uma ideia, acrescenta Ansart, “devemos dizer, inversamente, que o discurso, o esclarecimento teórico, é uma forma de ação”.

³ Paul Lafargue, *Le Déterminisme économique de Karl Marx* [O determinismo econômico de Karl Marx] (Paris: V. Giard e E. Brière, 1909).

Gostaria de encerrar esta introdução ao livro de Pierre Ansart – que, na verdade, é apenas uma digressão um tanto desorganizada sobre Proudhon – dizendo algumas palavras sobre a questão das greves, que pode não ser muito importante nos debates feltrados entre acadêmicos, mas que tem um impacto emocional muito forte nas discussões entre militantes. A oposição de Proudhon às greves é frequentemente usada como um argumento decisivo para interromper qualquer debate.

As reservas de Proudhon com relação à utilidade das greves são complexas e não podem ser resumidas em “Proudhon era contra as greves”. O aparente paradoxo entre sua posição sobre as greves e o fato de que os sindicalistas revolucionários franceses o reivindicavam é analisado em “Proudhon et le syndicalisme révolutionnaire”, de Daniel Colson.⁴

Como um pensador socialista que é descrito como “contrário às greves” pode ser reivindicado por militantes sindicalistas revolucionários? Isso levanta uma primeira questão: Proudhon realmente se opunha às greves? Como acontece frequentemente com os absurdos que circulam sobre o movimento anarquista, é Marx que é a fonte.⁵ Assim, quando Marx relata que Proudhon ficou satisfeito com o fato de os mineiros de Rives-de Gier terem sido reprimidos depois de entrarem em greve, ele está simplesmente mostrando que leu apenas superficialmente *Capacidade política das classes operárias* (na verdade, a citação supostamente extraída dessa obra vem do *Sistema de contradições econômicas*).

Proudhon simplesmente diz que, *do ponto de vista da lei da época*, a greve era ilegal e que a repressão era, pelos mesmos motivos, legal. Portanto, ele não está satisfeito com o fato de os mineiros terem sido reprimidos. Além disso, Proudhon destaca que: “As massas trabalhadoras, cujas nobres aspirações eu sirvo aqui tão bem quanto posso, [ainda são], infelizmente, apenas uma multidão inorgânica; o trabalhador não se colocou no mesmo nível que o patrão”. Aqui ele se refere ao artigo 1781 do código civil, que afirma que, em um processo judicial, a palavra do patrão vale mais do que a de seus trabalhadores; uma situação que ele, obviamente, não aprova.⁶ O fato de as “massas trabalhadoras” serem uma “multidão inorgânica” significa, para Proudhon, que elas não têm uma consciência coletiva e que não se organizaram.

Proudhon também aponta que “essas lutas de coalizões entre trabalhadores e patrões... quase sempre terminam em vantagem para os últimos e em detrimento dos primeiros”.⁷ Ele não contesta o fato de os grevistas agirem “sob o impulso de um sentimento de justiça” (“isso eu não nego”, diz ele). O que ele pretende mostrar é uma contradição: “[ao fazer greve, os trabalhadores], reconheço expressamente, não estavam errados, *internamente*, ao reclamar” (minha ênfase), mas naquele momento “[eles] excederam, *externamente*, seu direito”. Essa contradição é sempre resolvida em favor dos empregadores: “ela se encontra, de forma muito mais odiosa, no

⁴ Daniel Colson, “Proudhon et le syndicalisme révolutionnaire” [Proudhon e o sindicalismo revolucionário], <http://1libertaire.free.fr/DColson20.html>.

⁵ Marx, “Political Indifferentism,” 1873, Marxists Internet Archive, Marxists.org, <https://www.marxists.org/archive/marx/works/1873/01/indifferentism.htm>.

⁶ Consulte “A propos du Manifeste des Soixante”, Monde Nouveau, monde-nouveau.net.

⁷ *De la capacité politique des classes ouvrières* [A capacidade política das classes trabalhadoras] (Paris: E. Dentu, 1865), 412.

favor geralmente concedido a estes últimos [empregadores] e na repressão que é o privilégio comum dos outros [trabalhadores]”. Isso é expresso da maneira complicada de Proudhon, mas não acho que essa passagem precise ser decifrada.

Marx se refere a uma passagem de *Capacidade Política* na qual Proudhon escreve que “a autoridade que atirou nos mineiros de Rives-de-Gier estava em uma situação infeliz”, mas teve de “sacrificar seus filhos para salvar a República”. Naturalmente, o que Proudhon está explicando aqui é o *ponto de vista do Estado*, sem aprová-lo. Os sindicalistas revolucionários franceses, obviamente mais inteligentes do que Marx, entenderam isso perfeitamente. Proudhon diz sobre as greves que elas não podem mudar fundamentalmente o estado da sociedade (o que Marx também diz, a propósito). Esse é um ponto em que os sindicalistas revolucionários concordam com Proudhon. E em muitos outros pontos: a separação de classes, a recusa da atividade parlamentar, a insistência na ação econômica, o federalismo e muito mais. A proximidade entre Proudhon e o sindicalismo revolucionário provavelmente é explicada principalmente pelo fato de seu pensamento estar intimamente ligado ao pensamento do movimento operário de sua época.

A questão é se essa proximidade entre Proudhon e o movimento trabalhista foi uma questão de acaso ou se houve um parentesco real. O fato de o movimento trabalhista de sua época ter influenciado Proudhon não deve ser objeto de debate: é difícil imaginar um pensador socialista imune ao seu ambiente. Os militantes anarquistas liam muito.⁸ Na França, grupos de trabalhadores se reuniam para discutir as teorias de Proudhon e até mesmo para questionar Proudhon. Um desses leitores, Tolain, foi até mesmo um dos fundadores da Associação Internacional dos Trabalhadores, embora Proudhon não compartilhasse de suas opiniões sobre as candidaturas dos trabalhadores.⁹ Portanto, não é de surpreender que as seções francesas da AIT tenham reivindicado Proudhon como seu durante os primeiros congressos da organização.

Da mesma forma, não é surpreendente que os militantes que ajudaram a criar a Confédération Générale du Travail (CGT) e que fundaram o sindicalismo revolucionário conhecessem o trabalho de Proudhon, especialmente porque muitos deles vieram do movimento anarquista. Em “L'anarchisme et les syndicats ouvriers” [O anarquismo e os sindicatos de operários], publicado em 1895, Fernand Pelloutier fala da “análise magistral” de Proudhon sobre taxação. Émile Pouget afirma ser proudhonista em sua brochura *L'Action directe*: “Proudhon, . . . antecipando o sindicalismo, evocou o federalismo econômico que está sendo preparado e que supera, com toda a superioridade da vida, as noções estereis de toda a estrutura política”.

Poderíamos discutir sem parar se foi Proudhon quem influenciou o movimento dos trabalhadores de sua época ou o contrário. Essa questão não tem interesse algum, porque se resume ao argumento do ovo e da galinha. É óbvio que Proudhon foi fortemente influenciado pelo movimento operário de sua época, que ele elaborou uma teoria geral inspirada por essa influência e que sua teoria, muito melhor do que as de Victor Considérant, Louis Blanc e outros, foi reconhecida pelos proletários da época, um reconhecimento que

⁸ Gaetano Manfredonia, “Les lignées proudhoniennes dans l'anarchisme français” [As linhagens de Proudhon no anarquismo francês], *Les travaux de l'Atelier Proudhon*, nº 11.

⁹ Compare “Le Manifeste des Soixante” e “A propos du Manifeste des Soixante”, *Monde Nouveau*, monde-nouveau.net.

forneceu a Proudhon novos temas para reflexão. É um movimento permanente entre a prática e a teoria.

Um jovem pesquisador, Samuel Hayat, explica o reconhecimento do pensamento de Proudhon pelo proletariado pela “homologia estrutural entre o proudhonismo e a classe trabalhadora”.¹⁰ A formalização mais convincente desse fato deve-se a Pierre Ansart. Como vimos, de acordo com ele, não é de forma abstrata que Proudhon esteja ligado ao movimento operário. “Há uma homologia estrutural entre o pensamento de Proudhon e certas estruturas sociais. ... Essa homologia está associada a uma homologia de práticas com as do mutualismo dos trabalhadores da seda de Lyon.”¹¹

Ao contrário do que alguns autores afirmam, a posição de Proudhon em relação às greves não o “isolou de forma alguma do movimento operário nascente”.¹² Essa oposição às greves parciais, consideradas inúteis e contraproducentes, era compartilhada por todo o movimento anarquista e, depois, pelo movimento sindicalista revolucionário, que havia reconhecido Proudhon como um precursor! Esse é um paradox que a própria CGT francesa destacou em seu quinto congresso, em 1900, ao votar a favor de uma resolução que está perfeitamente alinhada com Proudhon: “Não acreditamos que devemos encorajar greves parciais, que consideramos prejudiciais mesmo que produzam resultados apreciáveis, porque elas nunca compensam os sacrifícios feitos, e os resultados que elas podem produzir são impotentes para modificar o problema social.”¹³

Em “Proudhon et le syndicalisme révolutionnaire”, Daniel Colson aborda as razões pelas quais “os sindicalistas revolucionários foram capazes de se reconhecer em Proudhon, embora as propostas dos dois pudessem divergir tanto”: “Nós subestimamos ou entendemos completamente mal a *extraordinária inteligência prática e teórica dos movimentos operários da época*” (grifo meu).¹⁴ Os sindicalistas revolucionários, liderados por Pelloutier, estavam bem cientes de que as vantagens obtidas pela greve seriam anuladas pelo sistema e, obviamente, não culpavam Proudhon por não ter entendido que, apesar disso, a greve servia como um campo de treinamento para a classe trabalhadora – ou “ginástica revolucionária”, para usar a expressão de Pouget – que Bakunin havia entendido perfeitamente bem.

René Berthier
Março e abril de 2021

¹⁰Samuel Hayat, “De l’anarchisme Proudhonien au syndicalisme révolutionnaire : une transmission problématique” [Do anarquismo proudhoniano ao sindicalismo revolucionário: A Problematic Transmission], http://www.academia.edu/2636763/De_lanarchisme_Proudhonien_au_syndicalisme_r%C3%A9volutionnaire_une_transmission_probl%C3%A9matique.

¹¹*Ibid.* Compare Pierre Ansart, *Naissance de l’anarchisme* [Nascimento do Anarquismo], Paris: Presses universitaires de France, 1970, 131.

¹²Michael Schmidt e Lucien Van der Walt, *Black Flame: The Revolutionary Class Politics of Anarchism and Syndicalism* (Oakland: AK Press, 2009).

¹³XIe congrès national corporatif (Ve de la CGT) tenu à la Bourse du Travail de Paris en septembre 1900 [11º Congresso Nacional Sindicalista (5º da CGT) realizado na Bourse du Travail de Paris em setembro de 1900].

¹⁴Daniel Colson, “Proudhon et le syndicalisme révolutionnaire” [Proudhon e o sindicalismo revolucionário], <http://1libertaire.free.fr/DColson20.html>